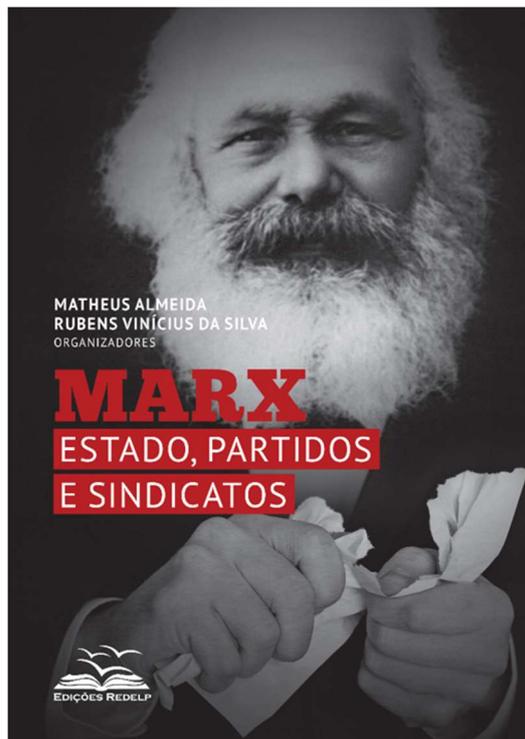

MARX: ESTADO, PARTIDOS E SINDICATOS *



Edmilson Marques **

Há poucas semanas foi publicada pela Edições Redelp uma coletânea organizada por Matheus Almeida e Rubens Vinícius da Silva, que propõe analisar a concepção de Marx sobre o estado, os partidos e os sindicatos. A coletânea foi prefaciada por seus organizadores e dividida em três capítulos. O primeiro é de autoria de Matheus Almeida e discute a concepção de Marx sobre o estado; o segundo é de autoria de Rubens Vinícius da Silva, que aborda os partidos políticos segundo Marx; a obra é concluída com o capítulo sobre os sindicatos na concepção de Marx, de autoria de Nildo Viana.

A concepção de Marx sobre o estado, os partidos e os sindicatos já recebeu a atenção de diversos intelectuais. Diante disso, apresentamos o seguinte questionamento: esta obra traz algo de novo que já não tenha sido abordado e que contribui para entender a forma como Marx percebia o estado, os partidos e os sindicatos? Abaixo apresentamos

* Resenha do livro ALMEIDA, Matheus; SILVA, Rubens Vinícius da (Orgs.). *Marx: Estado, Partidos E Sindicatos*. Goiânia: Edições Redelp, 2021.

** Doutor em história pela Universidade Federal de Goiás. Professor da Universidade Estadual de Goiás, campus Norte/Uruaçu.

de forma sucinta alguns pontos deste livro que consideramos importantes e que nos fornecem elementos para responder a esta questão.

O primeiro ponto a ser destacado diz respeito à perspectiva teórico-metodológica apresentada pelos autores do livro. Os três tomam o método dialético como recurso metodológico e a análise que apresentam é fundamentada na perspectiva do marxismo autogestionário. Esse é o fio condutor que une os três capítulos. Apesar de existirem muitos intelectuais que defendem que Marx está ultrapassado e que não fornece contribuições para compreender o mundo atual, a obra demonstra ser essa uma ideia equivocada e que deve ser superada com estudos que resgatem o pensamento de Marx.

Os autores realizam um processo semelhante ao que fez Korsch (2008), aplicam o marxismo à concepção de Marx. Aqui, no entanto, buscam cada um analisar pontos específicos de sua perspectiva. Um aspecto a ser ressaltado é que não realizam uma descrição das temáticas estudadas, nem mesmo limitam a Marx em si. Há, claramente, um exercício rigoroso e aprofundado de análise, buscam entendê-lo no contexto que viveu. Como ressaltou Viana (p. 118), não podemos analisar um autor de uma determinada época utilizando as lentes da época atual. Proceder assim, como muitos o fizeram, há um grande risco de incorrer no anacronismo.

Um segundo ponto a ser destacado desta obra é que os autores tomam o cuidado de acessar diretamente os textos de Marx. Esse ponto é importante ser ressaltado já que desde a sua morte o seu pensamento vem sofrendo diversas deformações, decorrentes de interpretações que se referem a ele sem ler seus textos, que o leram parcialmente ou de forma descuidada. Além disso, muitos utilizam ideias de outros autores como se fossem equivalentes às dele. Aqui nesta obra, inclusive, encontramos a crítica contundente às diferenças existentes entre a perspectiva de Marx e Engels, entre Marx e Lênin, só para citar dois exemplos, entre outros que foram abordados, de autores que comumente são citados como se fossem equivalentes.

Os três autores do livro realizam uma análise complexa. Não só investigam o modo como Marx percebia o estado, os partidos e os sindicatos, como também evidenciam suas especificidades e sua relação com o movimento revolucionário do proletariado. O que demonstram é que há a necessidade de uma leitura rigorosa do pensamento de Marx para entendê-lo. A complexidade deste estudo é decorrente do esforço que é necessário ser feito para superar as deformações do pensamento de Marx, que atualmente são hegemonicamente concebidas como verdadeiras e influenciam na forma de entendê-lo.

A forma como Marx sistematizou seu pensamento foi articulada com o uso de termos cujos significados são inerentes à sua trajetória intelectual e ao contexto que viveu. A não percepção disso levou muitos intelectuais e militantes políticos a convertê-lo em um defensor do estado, dos partidos e dos sindicatos. Encontram em algumas supostas passagens de suas obras um Marx estatista, por exemplo. Os três autores desta coletânea, no entanto, não caíram no canto ilusório da consciência burguesa. Supreendentemente, e contrariando a maior parte das obras existentes sobre o assunto, mostram o que poucos mostraram até hoje, ou seja, que Marx dirigiu uma crítica radical e desapiedada ao estado, aos partidos e aos sindicatos.

São estas questões gerais que a coletânea nos aponta e estão presentes em cada um dos capítulos que a compõe. Vejamos alguns dos pontos específicos desta obra. No prefácio os autores já contestam a concepção hegemônica do marxismo, que defende a necessidade de uma fase de transição entre o capitalismo e o comunismo, denominada de socialismo; que coloca em questão a necessidade de um partido revolucionário; que concebe os sindicatos como organização que representa os interesses do proletariado. Logo de início já adiantam a conclusão de que essa concepção “manifesta uma deformação do verdadeiro conteúdo da obra do fundador do marxismo” (p. 09), Karl Marx. O fundamental a ser destacado do prefácio, entre outras coisas, trata-se do objetivo que permeou cada um dos capítulos, qual seja: “o duplo objetivo de resgatar o conteúdo autenticamente revolucionário da concepção de Marx e combater suas deformações promovidas pelas mais distintas ideologias pseudomarxistas, antimarxistas e não marxistas” (p. 10).

O primeiro capítulo de autoria de Matheus Almeida é intitulado *Marx e o Estado: concepção e deformação*, e foi dividido em quatro tópicos. Como o título já evidencia, o autor propôs o objetivo de “compreender qual é a concepção do Estado em Marx e como foi possível uma confusão generalizada sobre esta concepção” (p. 20). Após a introdução, onde apresenta os pontos principais de sua análise, no primeiro tópico discute a concepção de estado em Marx. Em seguida aborda a deformação lassalliana e na sequência analisa o estado segundo Engels, no contexto de sua relação com a consolidação da social-democracia. No último tópico o autor aborda a deformação leninista do pensamento de Marx a respeito do estado.

Matheus Almeida conclui que desde os anos 1840, Marx já “apresentava sua compreensão de que o socialismo não é obra de planos geniais ou de palavras de ordem abstratas de intelectuais bem-intencionados, mas sim do desenvolvimento real do

movimento revolucionário do proletariado” (p. 57). E sintetiza que “em uma sociedade gerida através da Comuna, tal como propõe Marx, não há espaço para o Estado” (p. 57).

O segundo capítulo, intitulado *Marx e os Partidos Políticos*, é de autoria de Rubens Vinícius da Silva. Segundo apresenta na introdução, objetiva

Demonstrar, a partir da análise e assimilação dos textos de Marx, como historicamente os partidos políticos foram paulatinamente se tornando formas organizacionais fundadas na relação entre dirigentes e dirigidos, expressando uma força contrarrevolucionária e nociva ao desenvolvimento das organizações autárquicas forjadas na luta proletária por sua autoemancipação (p. 61).

O capítulo foi dividido em três partes, na primeira apresenta as ferramentas de análise, portanto, discute a diferença entre Organizações Burocráticas e Organizações Autárquicas. Logo em seguida aborda as “ondas de burocratização que emergem com a sucessão de regimes de acumulação, os quais marcam a história do capitalismo”, e finaliza o capítulo com uma análise sobre “como Marx efetivou a luta política no contexto dos partidos políticos de seu tempo” (p. 61).

Rubens observa que a análise que Marx realizou sobre os partidos políticos ocorreu em uma época que o processo de burocratização dos partidos ainda era incipiente, não havia se desenvolvido e formalizado. Portanto, o caráter burocrático e burguês dos partidos ainda não estava tão evidente. Apesar disso, os textos que analisou revelam que Marx fez a crítica do caráter de classe dos partidos operários que estavam em vias de serem burocratizados. Nas palavras do próprio autor: “de expressão política dos interesses do proletariado na forma de autarquias, a forma organizacional partidária passa a expressar os interesses de classe da nascente burocracia partidária, fração da classe auxiliar da burguesia” (p. 106).

O último capítulo da coletânea é de autoria de Nildo Viana, intitulado *Marx e os Sindicatos*. Além da introdução e das considerações finais, o texto conta com outros quatro tópicos. Logo no início deixa claro que Marx não produziu uma teoria dos sindicatos e do sindicalismo. Apesar disso, “em várias passagens ele trata dos sindicatos” (p. 117). É justamente esse conjunto de passagens que observa possibilitar a extração de “um esboço de uma análise marxista (original, ou seja, o marxismo de Marx) dos sindicatos” (p. 118). O objetivo de Viana, portanto, é o de “apresentar a análise marxista original dos sindicatos” (p. 118).

No primeiro tópico o autor dedica a abordar os sindicatos na época de Marx. Após demonstrar que os sindicatos se tornaram organizações burocráticas (sindicatos

desenvolvidos), Viana ressalta que no início eram organizações elementares (em formação). Explica que para entender a concepção de Marx sobre os sindicatos é preciso entender também que em sua época existiam os sindicatos elementares, em formação, independentes, e não existiam ainda os sindicatos desenvolvidos, institucionalizados. Apesar disso, Marx “viu o início do processo de passagem da forma elementar para a forma desenvolvida” (p. 124). O autor chama a atenção de que é neste contexto que há a possibilidade de entender a concepção de Marx a respeito dos sindicatos.

No tópico seguinte Viana analisa a origem e função dos sindicatos segundo Marx. Ele observa que “a função dos sindicatos, segundo Marx, é a luta econômica, ou seja, defender os interesses imediatos dos trabalhadores” (p. 98), mas que ele também avalia politicamente os sindicatos, por isso dedica o próximo tópico a discutir os sindicatos, luta econômica e luta política. Na última parte do texto o autor discute o sindicalismo, o sectarismo e o burocratismo, onde explica “a posição cada vez mais crítica de Marx em relação aos sindicatos” (p. 149). O resultado deste estudo de Viana demonstra que

Marx analisou os sindicatos independentes e a passagem para os sindicatos institucionalizados, a primeira forma de manifestação desses, devido ao contexto histórico em que vivia. Mesmo nesse caso, a abordagem de Marx é crítica. Logo, isso mostra o abismo entre Marx e o pseudomarxismo posterior (p. 164).

Com esses excertos destacamos alguns dos pontos principais da obra. Após a sua leitura podemos agora responder à questão que levantamos no início: esta obra traz algo de novo que já não tenha sido abordado e que contribui para entender a forma como Marx percebia o estado, os partidos e os sindicatos? Esta obra, surpreendentemente, apresenta várias novidades. A primeira que já apontamos no início é a perspectiva que permeia toda a obra. Há aqui um exemplar do rigor e profundidade que atinge a análise na perspectiva do marxismo autogestionário e, ainda, aqui está um exemplo do quão necessário é o resgate dos textos de Marx para superar suas deformações.

Outro ponto que representa uma novidade é que os três autores não só fizeram a crítica das principais deformações do marxismo original sobre o estado, os partidos e os sindicatos, como deixam evidente como Marx se posicionou diante de cada um. Esses estudos demonstram que Marx não se acovardou, não sucumbiu e em nenhum momento titubeou diante dos valores e dos interesses da burguesia. Diante do estado, dos partidos e dos sindicatos manteve o princípio da crítica desapiedada, indicando ser necessária a sua abolição e a instauração da autogestão.

Outra novidade que já apontamos no início é que os autores fazem o que poucos fizeram: analisar o estado, os partidos e os sindicatos na concepção de Marx acessando diretamente os seus textos. Não incorreram no erro de muitos que tratam da concepção de Marx por intermédio de outros intelectuais. A obra é ao mesmo tempo um exemplo de superação das deformações do pensamento de Marx. Aqui prevalece a máxima: “Para falar do pensamento de Marx, é preciso ler os seus textos de forma rigorosa”.

Esta coletânea demonstra a necessidade de resgatar o pensamento de Marx, de estudar outras questões que integraram a sua concepção e de fazer a crítica das deformações que hoje permanecem gerando confusões sobre a sua perspectiva. Finalizamos, concordando que o objetivo que os organizadores deste livro propuseram foi alcançado. Portanto, esta obra resgata o conteúdo autenticamente revolucionário da concepção de Marx sobre o estado, os partidos e os sindicatos e fornece muitos elementos para combater suas deformações promovidas pelas mais distintas ideologias pseudomarxistas, antimarxistas e não marxistas.

Referências

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.